

FERNANDO CORREIA
(org)



ESTADO MÍNIMO ESCOLA MÍNIMA

1ª Edição 2014



UNIVERSIDADE da MADEIRA
www.uma.pt

CIE-UMa

Centro de Investigação em Educação
www.uma.pt/cie-uma

Título

Estado Mínimo - Escola Mínima

Organizador

Fernando Correia

Edição

Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa

Design Gráfico

Énio Freitas

Impressão e Acabamento

João Duarte, Unipessoal, Lda

Tiragem

200 Exemplares

ISBN

978-989-95857-5-1

Depósito Legal

XXXXXXXXXX

© CIE-UMa 2014

www.uma.pt/cie-uma

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

PEst-OE/CED/UI4083/2014

FORMAR PROFESSORES NO PRESENTE PARA UMA ESCOLA DO PASSADO – GESTÃO DE CONTRADIÇÕES

Fernando Correia

Centro de Investigação em Educação (CIE-UMa)
Universidade da Madeira

A Universidade da Madeira através do Departamento de Ciências da Educação é a entidade científica na região com responsabilidade na formação de professores. Essa formação abarca várias áreas do conhecimento que se conjugam para a formação integral do futuro professor mas com uma grande aposta em disciplinas com uma forte ligação à Prática Profissional proporcionando aos seus alunos, futuros professores um contacto, desde o 1º ano dos cursos com a prática em jardins-de-infância e escolas dos 1º e 2º ciclos do ensino básico.

As disciplinas de Iniciação à Prática Profissional (IPP's), que se estendem da I à VI, apresentam, desde a última alteração do plano de estudos do curso de Educação Básica a preocupação em responder à versatilidade da educação básica. Assim a IPP I centra-se na creche, a IPP II na educação pré-escolar, a IPP III nos 1º e 2º anos de escolaridade do 1º ciclo do ensino básico, a IPP IV nos 3º e 4º anos do 1º ciclo do ensino básico, a IPP V no 2º ciclo do ensino básico e a IPP VI apresenta quatro opções (Creche, Pré-escolar, 1º ciclo e 2º ciclo) proporcionando aos alunos escolher a valência onde pretendem futuramente se profissionalizar.

Mas talvez isto não seja o que de mais importante acontece nas disciplinas de Iniciação à Prática Profissional. Aqui oferecemos aos alunos o contacto com novas metodologias de ensino/aprendizagem que lhes permitem encarar a prática pedagógica como algo que deve ser centrada nos interesses daqueles que justificam a sua existência, as crianças da Educação pré-escolar e os alunos do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico.

Formar professores hoje implica fundamentalmente aproveitar os fatores que se apresentam como favoráveis ao desenvolvimento duma praxis reflexiva que assente em fatores externos e fatores internos. Ao nível dos fatores internos é fundamental que o futuro professor resgate o valor social da educação, valorizando a chamada sociedade do conhecimento e a necessidade de produção de sentido que decorre da profunda crise de valores a que se assiste. A ampliação da produção teórica crítica que passa também por encontros, seminários e congressos e luta por melhores condições de trabalho.

As profissões definem-se pelas suas práticas e por um certo monopólio das regras e dos conhecimentos da atividade que realizam. Será que os professores dominam a prática e o conhecimento especializado ao nível da educação e do ensino? Em termos gerais a resposta é negativa, ainda que a educação institucionalizada tenda a ser da sua competência. No essencial, a profissão docente não detém a responsabilidade exclusiva sobre a atividade educativa, devido à existência de influências mais gerais (políticas, económicas, culturais) e à situação de desprofissionalização do professorado, bem patente na imagem social, na formação de professores e na regulação externa do trabalho docente (Apple, 1989). (Sacristán, 1991: 68)

Quando nos debruçamos sobre a realidade educativa e social fica óbvia a necessidade dos professores bem como o significado e a importância do seu trabalho. No entanto, também fica evidente a imensa complexidade da sua ação, pois esta está diretamente relacionada com a formação do carácter, da consciência, da personalidade e da cidadania da criança/aluno, tendo por mediador o conhecimento mais importante construído ao longo dos tempos.

Se tivermos em linha de conta que esta tarefa se realiza com grupos de vinte, trinta ou mais alunos, simultaneamente, e tivermos como suporte as contribuições de Vigotsky (2000) perceberemos rapidamente que a intervenção do professor não se poderá situar num nível inferior de desenvolvimento real do aluno sob risco de provocar o seu desinteresse por já dominar esse conhecimento, nem muito acima do seu potencial pois este poderá não entender o que se pretende. Isto demonstra que aos professores se entrega uma tarefa imensa que é a de serem capazes de reconhecer a zona de desenvolvimento proximal de cada um dos seus alunos.

O papel do professor revela-se assim numa importância fundamental pois a sua ação desenvolve-se em torno de dois aspetos de maior relevância para a espécie: as novas gerações e o conhecimento.

Estamos perante uma realidade que precisa ser transformada: a prática dos docentes, as escolas, o sistema educativo e a sociedade. Esta mudança deverá ser construída de forma articulada com todos os envolvidos no processo educativo.

Os professores e as escolas devem ser vistos como agentes de mudança. Não numa perspectiva ingênua, mas como uma questão ontológica (existencial).

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (Freire, 2004: 98)

Em relação à Pedagogia existem propostas concretas e significativas no que diz respeito ao que deve ser feito. No entanto, quando olhamos atentamente para o terreno onde ocorre a prática pedagógica encontramos muito pouco em termos de análise de processos de mudança e de gestão destas intervenções, quando existem. Aos educadores cabe a tarefa de refletir sobre estas questões para que não fiquem reféns no conflito entre o desejável e o realizado.

É importante refletir sobre como acontece o processo de mudança, esta é uma questão extremamente relevante pois vai permitir não só integrar a mudança mas tentar entender qual o seu papel o que vai possibilitar o aumento da sua autonomia e da sua condição enquanto sujeito.

O conhecimento teórico implica uma íntima relação com a prática, criando um conhecimento prático que deve ser acompanhado de uma reflexão sobre a ação, com vista a desenvolver uma identidade reflexiva e reformuladora da prática pedagógica. A atitude reflexiva do educador só surgirá se existir reflexão e este sentir necessidade de pesquisar sobre a sua intervenção na prática pedagógica.

A necessidade de uma reflexão constante que gere a capacidade de tomar decisões e de propor mudanças no meio onde atua, ou seja, que o educador pela reflexão ganhe a capacidade de ajustar e implementar novas estratégias de intervenção na promoção do sucesso educativo e social dos alunos. Citando Sacristán o educador deverá ter a “capacidade de reflectir sobre as suas práticas de trabalho/ensino, questionando-se sobre a mesma

de modo a poder fazer alguns reparos que o poderá beneficiar no desempenho da sua prática”. (in Roldão, 1998: p. 83)

A reflexão tem como suporte uma ação indispensável e implícita à intencionalidade educativa e que permite mudanças fundamentais nas metodologias e estratégias com o objetivo de garantir a aprendizagem. Alarcão (2003) acrescenta ainda que para que a reflexão seja útil deve ser “sistemática nas suas interrogações e estruturante dos saberes delas resultantes”.(p.)

O processo de mudança e transformação da prática pedagógica acarreta uma outra mudança, a mudança da postura do educador.

Quando falamos de postura falamos de uma pré-disposição para sentir/perceber, pensar, valorizar e transformar a sua ação. Acreditamos que aquilo que vai permitir que a mudança aconteça passa pelo conjunto de valores e compromissos que os educadores assumam quer pessoal quer coletivamente em cada escola.

A mudança tem de ser efetiva

A Gata e Afrodite

Uma gata que se apaixonara por um fino rapaz pediu a Afrodite para transformá-la em mulher. Comovida por tal paixão, a deusa transformou o animal numa bela jovem. O rapaz viu-a, apaixonou-se por ela e desposou-a. Para ver se a gata se havia transformado completamente em mulher, Afrodite colocou um rato no quarto nupcial. Esquecendo onde estava, a bela criatura foi logo saltando do leito e pôs-se a correr atrás do rato para comê-lo. Indignada, a deusa fê-la voltar ao que era.

Moral da estória: O perverso pode mudar de aparência, mas não de hábitos.

Esopo, Fábulas

A mudança tem de ser radical. Não se espera uma mera alteração do comportamento do educador, mas sim uma alteração profunda que implique uma mudança de atitude frente ao mundo. Não basta a mudança no discurso é preciso também mudar os conceitos. É preciso agir refletindo, é preciso mudar as práticas.

Segundo Huberman (1973: 9)

Os processos de assimilação (adoção de novas ideias ou práticas) e de acomodação (adaptação de estruturas anteriores a essas novas ideias ou práticas) são, por sua natureza lentos e graduais. O próprio conceito de inovação é, de certo modo, conservador, pois a função primordial da inovação é tornar familiar o que não o era, é enxertar o novo no velho. Na educação temos de haver-nos com instituições sociais e com adultos que nelas trabalham, o que reforça ainda mais a resistência intrínseca à mudança. Inevitavelmente, ao que parece, a busca da novidade deve subordinar-se ao desejo de estabilidade.

Para mudar as práticas é necessário mudar a concepção e para mudar a concepção é necessário mudar a prática. “ A subjetividade muda no processo de mudança da objetividade. Eu me transformo ao transformar. Eu sou feito pela história, ao fazê-la.” (Freire, s/d: 4)

A situação dos professores hoje

A situação dos professores perante a mudança social, é comprável à de um grupo de atores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. (...) A primeira reação dos atores seria a surpresa. Depois, tensão e desconcerto, com um forte sentimento de agressividade, desejando acabar o trabalho para procurar os responsáveis, a fim de, pelo menos, obter uma explicação. Que fazer? Continuar a recitar versos, arrastando largas roupagens ... (...) Parar o espetáculo e abandonar o trabalho? (...) O problema reside em que, independentemente de quem provocou a mudança, são os atores que dão a cara. São eles, portanto, quem terá de encontrar uma saída airosa, ainda que não sejam os responsáveis. As reações perante esta situação seriam muito variadas; mas, em qualquer caso, a palavra *mal-estar* poderia resumir os sentimentos deste grupo de atores perante uma série de circunstâncias imprevistas que os obrigam a fazer um papel ridículo. (Esteve, 1991:97).

Esta passagem de Esteve retrata de alguma forma a situação dos professores perante as mudanças que a cada momento se atropelam nas escolas e no sistema educativo transformando o trabalho do professor num processo cada vez mais burocrático. As mudanças acontecem sempre numa direção *top-down*, onde os professores não são ouvidos bem como as entidades reconhecidas no domínio da educação como as Universidades e os seus departamentos que se encontram diretamente relacionados com as ciências da educação e a formação de professores.

Seguramente podemos afirmar, nos tempos que correm, que um professor que não tenha uma dose considerável de angústia, em relação ao seu trabalho, certamente não será um professor deste tempo.

Apesar de reconhecermos que esta situação não é exclusiva dos professores, é com eles que nos preocupamos agora pois exercem uma profissão que nos últimos anos quase desmoronou em termos de prestígio social. O professor é visto como o grande e único responsável por tudo o que vai mal na educação. A relação escola-família que em tempos se exercia com alguma cumplicidade transformou-se numa relação de desconfiança onde os filhos são defendidos incondicionalmente pelos pais quando existem conflitos entre estes e o professor. Se os filhos têm sucesso é mérito próprio se o insucesso vinga a culpa é do professor.

O nível de formação académica das famílias elevou-se nos últimos anos originando o acesso a mais informação que também é visível nas questões relacionadas com a educação. Dificilmente encontramos hoje acordo em relação às metodologias adotadas pelos educadores. Não existe uma opção metodológica que seja consensual, as escolhas dos professores estão sempre sujeitas a críticas.

A desvalorização social do professor está na ordem do dia.

Esta situação tem vindo a provocar um profundo mal-estar, como refere Esteve, podemos considerar que estamos perante uma crise de identidade profissional. Temos vindo a assistir a transformações no seu trabalho, na sua imagem social e no valor que a sociedade lhes atribui. Estamos perante um sistema centralizado, centralizador e burocrático que produz um conjunto de normas e regras a que os professores têm de obedecer que diminui a sua autonomia e das escolas. Muitos professores perderem a confiança nas suas crenças e convicções, e os que podem e têm idade para isso abandonam a profissão o mais precocemente possível por vezes à custa de uma reforma antecipada e altamente desvalorizada em termos financeiros. Os que ficam no sistema porque acreditam na mudança ou porque não têm outra alternativa convivem com uma:

“nova agenda de prestação de contas” no mundo ocidental, de que nos fala Day(2007), que afeta a educação pública, privilegiando-se um ensino direcionado para os resultados, sustentado numa panóplia de competências e recompensas, e que está sobre o controlo do poder central. (Matiz e Lopes, 2014: 1)³⁴

Sob pretexto da melhoria da educação os professores vêm as suas práticas serem controladas pelo Estado. Ainda citando Matiz e Lopes “Estabeleceram-se critérios específicos para medir a qualidade das escolas, que devem conduzir a determinados resultados, os quais visam elevar os standards do ensino.” (2014:1)

Os resultados escolares ganham cada vez mais supremacia à prática pedagógica que ocorre durante cada ciclo escolar em sala de aula, ganhando a avaliação externa um significado cada vez maior. Hoje os professores preparam os seus alunos para os exames e não para a “vida”.

Suportada por uma política economicista extrema as escolas recebem ordens para aumentar o número de alunos por turma e recebem cada vez menos dinheiro para garantir o seu funcionamento proporcionando o mínimo no que se refere a garantia de condições de trabalho. Esta política gera instabilidade de emprego, podemos afirmar que hoje os professores são dos mais afetados pelas políticas de cortes na função pública representado um dos grupos profissionais onde o desemprego se sente com mais relevância.

E os novos professores, os nossos recém-formados educadores e professores, quais são as suas perspetivas de futuro enquanto docentes?

Aqui ficam as palavras duma aluna na fase final da sua formação:

O percurso académico chega ao fim! Em breve farei parte do grupo de professores formados em Portugal. Entrarei e viverei na pele a crise vigente e, se eventualmente houver um lugar para mim no mundo educativo deparar-me-ei na Escola com a incerteza e reflexo da sociedade atual. Não me sinto orgulhosa do país onde vivo, embora adore a minha Região. Sinto-me frustrada pelas oportunidades que Portugal não dá às suas gentes, às pessoas que estudam e que querem contribuir para o crescimento do país. Estamos a formar pessoas para entrar no incerto, a tal incerteza de que

³⁴In <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71136/2/81699.pdf>, acedido a 20 de fevereiro de 2014.

falava no início do relatório aquando a base teórica da Escola da atualidade. A questão é que não é só na Escola que as problemáticas se encontram, afinal a Escola é o espelho da sociedade! (Aluna do Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Uma, 2014)

Neste país à beira mar plantado que despreza a cultura, a educação e a arte e do qual já dizia Camões:

Enfim, não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão-somente.
Sem vergonha o não digo: que a razão
De algum não ser por versos excelente
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte, não na estima.

(in Os Lusíadas, canto V estrofe 97)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (2003). Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez.
- Camões, L. (1974). *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, Lda.
- Esteve, J. (1991). Mudanças sociais e função docente, in Nóvoa (Org.) (1991) *Profissão Professor*. (pp.93-124) Porto: Porto Editora.
- Freire, P. (2004). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (s/d). *Virtudes do educador*. São Paulo: Vereda.
- <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71136/2/81699.pdf>, acessado a 20 de fevereiro de 2014.
- Huberman, A. (1973). *Como se realizam as mudanças em educação Subsídios para o estudo do problema da inovação*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Matiz, L. e Lopes, A. (2014). *Desafios da mudança na prática docente: políticas, reformas e identidade profissional*.
- Roldão, M., (1998). Que é ser professor hoje? A profissionalidade docente revisitada. *A Revista da ESES*, 9, 81- 83.
- Sacristán, J. (1991). Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores, in Nóvoa (Org.) (1991) *Profissão Professor*. (pp.61-92) Porto: Porto Editora.
- Vigostsky, L. (2000). *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.